



Adhan Amenomori Wu

## CURSO – MEDICINA/UNESP

**“Todo mundo se espalhou. Tenho amigos na Unifesp, na USP, no Rio Grande do Sul, na Santa Casa...”**

Adhan Amenomori Wu entrou direto do Ensino Médio no curso de Medicina da Unesp, e foi estudar em Botucatu. Aqui ele conta sua vida, suas escolhas, a opção que pretende seguir na carreira, a sua experiência pessoal e profissional. Ele também se lembra dos amigos do colégio que o acompanharam e, hoje, estão longe, mas muito perto dele.

**JC – Agora você é médico formado pela Unesp. Você foi aprovado em quais faculdades na época que prestou vestibular direto do 3º ano?**

**Adhan –** Eu passei na Unesp e em algumas federais pelo Enem, mas como eu estava saindo do 3º ano, eu priorizei o estado de São Paulo, e optei pela Medicina Unesp, em Botucatu.

**Vamos ao início: quando você entrou no Etapa?**

Foi no Ensino Fundamental, em 2004, 4º ano, e fiquei lá até o final do Ensino Médio.

**Antes, você estudava onde?**

Eu estudava numa escola que se chamava Anglo Latino. Posteriormente, acabou fechando, mas na época ainda estava aberta. Fechou pouco tempo depois, menos de 5 anos depois.

**Você veio para o Etapa no meio do Ensino Fundamental. Algum amigo acompanhou você? Como foi esse processo?**

A partir do 2º ano do Ensino Fundamental, muitos dos meus colegas já estavam indo para o Colégio Etapa, por conta do nome, do material. Já era muito bem-falado desde o primário,

então o pessoal do Anglo Latino foi indo gradativamente para o Etapa. Eu fui um dos últimos a ir para o Etapa.

**Como foi o início no Colégio Etapa?**

Fui muito bem recebido. Tive uma relação muito boa com os professores.

**E como foi a escolha pela carreira?**

Minha motivação partiu de vários fatores, inclusive de filmes. O papel do médico me veio de uma história real, do filme *Patch Adams*. Eu sempre gostei do contato com as pessoas, de poder conversar, de poder ajudar. Esse filme abriu as portas para mim para esta carreira.

**Quando você viu esse filme?**

No 8º ano do Ensino Fundamental.

**E como você levou o Ensino Médio sabendo da dificuldade de entrar em Medicina?**

No 1º ano do Ensino Médio, já estava em vigência o Projeto Medicina, do Etapa. Do 1º ao 3º ano do Ensino Médio eu fiz parte do projeto. Sacrifiquei muitos sábados, mas valeu a pena com certeza.

### ENTREVISTA

Carreira – Medicina

1

### CONTO

O espelho – Machado de Assis

3

### ARTIGO

Plataforma de divulgação científica separa fatos de fake news sobre covid-19

7

### POIS É, POESIA

Auta de Souza

8

### MAS, MÁ, MAIS [E OUTRAS QUESTÕES GRAMATICAIS]

Querer

8

**Você participava de alguma atividade extra do Etapa?**

Sempre gostei muito de esporte. Na Educação Física eu fazia futebol, handebol, e de vez em quando, tênis de mesa nos intervalos. Fora daqui sempre pratiquei tênis de mesa, até o comecinho do Ensino Médio, quando acabei parando pelo Projeto Medicina.

**Você chegou a fazer parte também de alguma competição, como as olimpíadas?**

Eu comecei a fazer as aulas para a Olimpíada de Biologia e também para a de Matemática, mas como eu estava fazendo o Projeto Medicina, acabei não levando muito para frente. Meu foco era mais o vestibular mesmo, tentar pegar o máximo de conteúdo possível para chegar bem no 3º ano.

**Como foi seu início na Medicina Unesp Botucatu?**

Olha, foi bem difícil, porque eu entrei um pouco antes de começarem as aulas. Mas eu fiquei encantado de ficar em uma cidade mais tranquila. Claro que depois de passar toda essa animação vem a saudade de casa, dos pais, dos amigos. Foi um pouco difícil esse início.

**Em linhas gerais, quais foram as matérias que você teve em cada ano na faculdade?**

A Unesp seguia o modelo tradicional. Então os primeiros dois anos eram matérias muito teóricas, sobre funcionamento do corpo, Fisiologia, Biologia Celular, Citologia. No final do 2º ano a gente começou a ter mais contato com o paciente, na disciplina de Semiologia. Você vai para o hospital, examina o paciente, com um conhecimento prático ainda muito pequeno. No 3º e 4º ano a gente passa pelo ciclo clínico – nessa metodologia tradicional – que aí sim seria a Medicina mesmo. O 3º ano é focado em como examinar, como fazer uma consulta, como elaborar uma linha de raciocínio para essas consultas. O 4º ano mistura conteúdo teórico com a parte do exame, a prática com o paciente no hospital, preparando a gente para o Internato do 5º e 6º ano. No Internato, o curso é muito, muito prático. A gente vai ao hospital para aprimorar nossas técnicas de exame, aprimorar nossa capacidade de elaborar raciocínio. Era muito mais focado em discussões, sem tantas aulas. A gente aprendia muito com o paciente que estava lá na nossa frente, com casos reais. Nesse momento a gente começa a ter muito mais responsabilidade, porque muitos pacientes eram nossos. Era preciso dar o nosso melhor, porque era uma vida que estava em nossas mãos, preparando a gente para a carreira que a gente escolheu.

**Você está formado e vai fazer Residência. Como está sendo isso?**

A gente acha que o último concurso é o vestibular, mas é só o começo. A Residência tem provas no final do ano, mas com muito menos vagas do que no vestibular. Às vezes, tem uma vaga no hospital com gente do Brasil inteiro prestando, principalmente aqui no estado de São Paulo. E por gostar de muita coisa, de Clínica, de Cirurgia, de Neuro, eu não sabia para onde me direcionar, mas acabei indo para Neurocirurgia.

**Você vai prestar Neurocirurgia para quais hospitais?**

Neurocirurgia tem pouquíssimas vagas, e é muito concorrida e muito difícil de passar. As notas costumam ser praticamente as maiores de todos os serviços. No Hospital das Clínicas de São

Paulo, por exemplo, são 4 vagas, mais de 150 pessoas prestando, é uma concorrência que assusta. Eu vou prestar para todos os hospitais-escola de São Paulo – Pinheiros, Unifesp, Unicamp, Unesp, USP Ribeirão, Santa Casa e Faculdade de Medicina do ABC – se não coincidirem as datas.

**Depois da sua formatura em 2018, o que você tem feito?**

Tenho trabalhado numa clínica popular particular em Botucatu. Também tenho feito alguns exames para Medicina do Trabalho, em Botucatu, às vezes em cidades vizinhas. Também estou estudando para a Residência e para o dia a dia.

**O Revalida, que valida o diploma de médicos formados no exterior, interferiu no mercado de trabalho dos médicos formados no país?**

Em relação ao Revalida, muitos dos médicos formados no exterior não têm conseguido passar na prova. Ainda há bastante vaga para médicos daqui.

**Como é a qualidade de vida de um médico, com as chamadas de madrugada, os turnos de 24 horas?**

Estou querendo passar em Neurocirurgia. Optei por trabalhar para conseguir me manter, comprar minhas coisas, sem depender dos meus pais. Já cheguei a fazer algumas loucuras, ficar viajando para dar plantão, pegando serviços em outras cidades. Isso foi logo quando me formei. Atualmente, opto por trabalhos mais tranquilos, pacientes ambulatoriais, horário marcado e focar nos estudos. O trabalho médico varia muito, desde aquele trabalho no pronto-socorro, de segunda a sexta-feira, até atendimentos mais eletivos, mais tranquilos. Obviamente que a escolha influencia no quanto você ganha.

**Qual deve ser o perfil de uma pessoa para ser um bom médico?**

Em relação a perfil, acho que o médico tem que ser uma pessoa muito profissional. Enquanto outros estão viajando, ou ainda estão de quarentena, o médico vai ter que ir trabalhar. Os médicos não estão parando nessa pandemia do coronavírus. Tem que ser uma pessoa muito focada dentro da sua profissão, independentemente da área, tendo ou não contato com o paciente. Tem que ser forte emocionalmente, porque em algum momento da sua vida, mesmo na faculdade, vai passar por momentos difíceis, vai encarar a morte, vai encarar sofrimento, vai encarar noites maldormidas. Tem que aguentar pressão e muitas vezes tem que abdicar um pouquinho da vida pessoal. Mas para o perfil emocional, aí tem de tudo, mas em todas as áreas você vai ter que trabalhar muito. Com o mercado ficando mais e mais competitivo, tem que estar sempre se atualizando, estudando.

**Tem alguma coisa que você tenha visto no Etapa sem perceber a importância que isso tinha, e que hoje se mostra com muito valor?**

Uma coisa que eu achei que nunca mais fosse ver era a parte de Estatística. Ao escrever artigos, a gente tem que ter uma noção básica de Estatística, coisa que a gente teve no Ensino Médio. E em tudo há cálculos que a gente tem que fazer. Além disso, das noções de Filosofia e Sociologia, porque a gente lida com pacientes de diferentes crenças, diferentes etnias, diferentes formações.

**Quais recordações você tem da época do colégio?**

Muitas recordações boas. Eu estudei os três anos do Ensino Médio com meus melhores amigos na mesma sala. A gente ia junto para as aulas de Educação Física, a gente chegou a fazer algumas aulas de olimpíada, todo sábado a gente estava lá, a gente estudava junto, chorava junto quando ia mal em alguma prova. Também tenho muitas saudades dos professores, do ambiente, aquele ambiente um pouquinho descontraído, não tão sério que nem no hospital. A gente acaba sentindo um pouco de falta disso, das amizades, dos professores. Cheguei a tocar na gincana um ano depois de começar a aprender a tocar violão. Foram ótimos momentos.

**Você ainda tem contato com esses amigos do colégio?**

Tenho, e a grande maioria também está fazendo Medicina, na Unesp, na USP. Eu digo que todo mundo se espalhou. Tenho amigos na Unifesp, na USP, no Rio Grande do Sul, na Santa Casa...

**O que você diria para quem vai ler esta entrevista para conseguir manter o foco?**

A Medicina, todo mundo sabe, é uma área extremamente concorrida, extremamente difícil, não só de passar, mas a faculdade. É uma área extremamente árdua, mas se tanta gente quer ir para Medicina, provavelmente é porque vale a pena. Com certeza dá para achar uma área dentro da Medicina que você vai gostar, independentemente do seu perfil emocional, de ser uma pessoa tímida ou não. O que mais vai contar vai ser a sua vontade, a sua persistência.

**Você gostaria de deixar alguma dica aos nossos futuros médicos que estão no período da quarentena?**

Mantenham o foco, apesar de tudo o que está acontecendo. Tirem esse momento não só para estudar, mas para se organizar da melhor maneira, para cuidar da saúde física, fazer algum exercício em casa, descansar, ficar com os pais, conversar também, porque é um período bem difícil, então todo apoio que tiverem com contato pessoal vai ser ótimo. E lógico, também, organizar e juntar forças para os estudos.

**CONTO****O espelho  
Machado de Assis**

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. Como desse esta mesma resposta naquela noite, contestou-lha um dos presentes, e desafiou-o a demonstrar o que dizia, se era capaz. Jacobina (assim se chamava ele) refletiu um instante, e respondeu:

– Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.

Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que este casmurro usou da palavra, e não dois ou três minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião, – uma conjectura, ao menos.

– Nem conjectura, nem opinião, redarguiu ele; uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

– Duas?

– Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; – e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor,